

“EU TE AMEI”



Versão comunitária
da Exortação Apostólica
de Leão XIV, *Dilexi te*



Título: “Eu te amei”. Versão comunitária da Exortação Apostólica de Leão XIV, *Dilexi te*.

Título original: “Te he amado”. Versión de uso comunitario de la Exhortación Apostólica de León XIV, *Dilexi te*.

Primeira edição: Bogotá DC, outubro de 2025.

Diretoria do Conselho Episcopal Latino-americano e Caribenho – CELAM

Card. Jaime Spengler
Presidente

Dom José Luis Azaque
Primer Vice-presidente

Dom José Domingo Ulloa Segundo
Segundo Vice-presidente

Dom Santiago Rodríguez
Presidente do Conselho de Assuntos Econômicos

Mons. Lizardo Estrada
Secretário Geral

Pe. Eric García Concepción
Secretário Geral Adjunto

Dom Ricardo Morales
Coord. Conselho Centro
de Gestão do Conhecimento

Mg. Guillermo Sandoval
Diretor do Centro de
Gestão do conhecimento

Mons. Daniel Francisco Blanco
Coord. Conselho do Centro de Comunicação

Dr. Óscar Elizalde Prada
Diretor do Centro de Comunicação

Autor
Aníbal Pastor N.

Desenho e capa
Dora Milena Moreno Gamba

Direção geral
Mg. Guillermo Sandoval

Ilustrações
AnSerAI25 (com o apoio da IA)

Direção editorial
Dr. Óscar Elizalde Prada

Tradução
Fredy Orlando Parra

Revisão de estilo
Mg. Adriana Moreno García

Realização
Centro de Gestão do Conhecimento do CELAM
Centro de Comunicação do CELAM

© Conselho Episcopal Latino-americano e Caribenho CELAM

Avenida Boyacá N° 169D-75

Código postal 111166 PBX: 601 484 5804

celam@celam.org

www.celam.org

Bogotá, D.C. 2025

Esta publicação conta com as devidas licenças eclesiais.



Conteúdo

Apresentação	4
Introdução. “Eu te ameí”	6
Capítulo 1. Algumas palavras indispensáveis	8
Fundamentação teológica	9
Fundamentação social	10
Fundamentação cultural e espiritual	11
Capítulo 2. Deus escolhe os pobres	13
A opção pelos pobres	14
Compromisso da Igreja	15
O Deus dos pobres	16
Os pobres: tesouro e rosto vivo da Igreja	17
Capítulo 3. Uma Igreja para os pobres	19
No início do cristianismo	20
Padres da Igreja	20
Cuidar dos enfermos	20
Vida monástica	21
Libertar os cativos	21
Ordens mendicantes	23
Educação dos pobres	23
Acompanhar os migrantes	24
Mulheres ao lado dos últimos	24
Movimentos populares	25
Capítulo 4. Uma história que continua	27
As estruturas que ferem	29
Os pobres como sujeitos	30
Capítulo 5. Um permanente desafio	32
Para onde vai a Igreja de hoje?	34
Anexo 1. Glossário de conceitos-chave	36
Anexo 2. Para a reflexão pessoal	38
Anexo 3. Para trabalho em grupo	39

Apresentação

A pobreza na América Latina e no Caribe continua sendo um dos maiores desafios da nossa história. Mais além dos números, é uma rede de vulnerabilidades que se reforçam mutuamente, onde a falta de renda é apenas o começo. Trata-se de uma vida marcada pela precariedade, injustiça, violência e pelo impacto crescente das mudanças climáticas.

O papa Leão XIV nos oferece, com sua primeira exortação apostólica “*Eu te amei*”, uma palavra de esperança e conversão. Este texto, em continuidade com o magistério do papa Francisco, reafirma que a opção preferencial pelos pobres não é uma preocupação de alguns, mas do próprio núcleo da missão da Igreja. Não se pode confessar a Cristo sem reconhecê-lo nos rostos feridos dos pobres.

A exortação denuncia as estruturas de pecado que perpetuam a exclusão e lembra que os pobres não são objeto de assistência, mas sujeitos ativos da evangelização. Neles, a sinodalidade torna-se real: são chamados a participar das decisões e responsabilidades do Povo de Deus.

Seguindo a tradição latino-americana, o Papa ensina que a pobreza não é apenas um desafio pastoral, mas também um princípio teológico que ilumina a fé e define a maneira de ser Igreja. De Medellín a Aparecida, aprendemos que não é possível identificar-se com Jesus sem identificar-se com os pobres.

“*Eu te amei*” percorre a história eclesial mostrando que a caridade e a justiça são sinais do Reino. Agradecemos ao papa Leão XIV sua atenção à patrística e aos testemunhos das diferentes Ordens religiosas que nos mostram como, ao longo

da história, têm estado presentes a palavra e a práxis profética da Igreja. Nesta exortação, somos convidados a reconhecer os diversos rostos da pobreza e a transformar suas causas estruturais por meio de gestos concretos que reconheçam a dignidade dos descartados.

Desde a América Latina e o Caribe, recebemos essa exortação do papa Leão XIV como um presente que nos convida a renovar nossa conversão pastoral e missionária. Para melhor recebê-la, o CELAM oferece esta versão comunitária, que coloca à disposição de todas as comunidades. Agradecemos aos que tornaram possível esta publicação.

Repitamos com gestos e obras as palavras do Senhor: “eu te ameï”.

Dom Lizardo Estrada Herrera

Bispo auxiliar de Cusco, Peru.
Secretário Geral do Celam

IMPORTANTE

A leitura e o estudo da **exortação apostólica *Dilexi te*** — acessível no link a seguir — são inevitáveis e profundamente necessários. Esta **versão comunitária** foi elaborada para facilitar sua compreensão e contém **colchetes []** que se referem aos números correspondentes do documento magisterial original, permitindo um diálogo direto com o texto pontifício.

https://www.vatican.va/content/leo-xiv/pt/apost_exhortations/documents/20251004-dilexi-te.html

Introdução

“Eu te amei”

“Eu te amei (Ap 3,9),
diz o Senhor
a uma comunidade cristã que,
ao contrário de outras,
não tinha qualquer relevância ou recurso
e estava exposta à violência e ao desprezo”.
Deus promete exaltá-la e lhe diz:
“os farei vir prostrar-se aos teus pés” (Ap 3,8-9).
Este amor divino,
que prefere o pequeno e o frágil,
já estava prefigurado no cântico de Maria,
que proclama como Deus
“Derrubou os poderosos de seus tronos
e exaltou os humildes” (Lc 1,52-53). [1]

O papa Francisco, em sua encíclica *Dilexit nos*,
aprofunda este mistério de amor,
mostrando como Jesus se identifica de maneira especial
“com os últimos da sociedade”
e como, através de seu amor doado até o fim,
revela a dignidade sagrada de cada ser humano,
especialmente quando este é
“mais fraco, mísero e sofredor”. [2]
Contemplar este amor nos ajuda

a prestar mais atenção ao sofrimento alheio
e a participar na obra de libertação.

O papa Leão XIV,
herdando este projeto do papa Francisco,
torna-o seu
e insiste na necessidade
de que todos os cristãos e cristãs
percebam com clareza
a forte e indissolúvel conexão que existe
entre o amor pessoal a Cristo
e o chamado concreto de nos aproximarmos
e servirmos os pobres,
pois neles se revela o próprio coração de Jesus. [3]

Capítulo 1

Algumas palavras indispensáveis



“Eu vi a aflição de meu povo que está no Egito,
e ouvi os seus clamores por causa de seus opressores.

Sim, eu conheço seus sofrimentos
e desci para livrá-lo [...]. Vai, eu te envio”.

(Ex 3,7-8.10)

Fundamentação teológica

A pobreza, na perspectiva bíblica e eclesial,
não é apenas uma carência material,
mas um lugar teológico,
ou seja, o lugar onde se revela o rosto de Deus. [9]
Esse gesto mostra que o amor divino
não é abstrato,
mas histórico:
atua em favor dos oprimidos
e estabelece a justiça como condição do Reino. [11]

Jesus prolonga esta ação de Deus
ao tornar-se pobre entre os pobres (*Fp* 2,7). [16]
Sua encarnação
é a expressão máxima da solidariedade divina:
nasce rejeitado, vive sem poder e morre na cruz,
compartilhando até o extremo a nossa fragilidade.

Nele, a pobreza deixa de ser um sinal de desgraça
e se torna uma revelação do amor que salva.
Por isso, quem busca Cristo o encontra nos últimos,
porque “todas as vezes que fizestes isso
a um destes meus irmãos mais pequeninos,
foi a mim mesmo que o fizestes” (*Mt* 25,40). [19]

Desde esta perspectiva,
a pobreza também tem uma dimensão eclesial:
a fé não pode se separar do compromisso com a justiça. [12-13]

A opção pelos pobres não é uma estratégia pastoral,
mas uma resposta ao amor de Deus
que se inclina sobre os fracos.
A Doutrina Social da Igreja,
desde a *Rerum novarum* até a *Evangelii gaudium*,
reafirmou que a caridade autêntica
implica transformar as estruturas do pecado
que geram exclusão e desigualdade. [90-92]

Fundamentação social

A pobreza não é um fato isolado,
mas uma estrutura que se reproduz e se perpetua. [10-12]
Sua raiz está na concentração do poder econômico e político,
na cultura da acumulação
e na indiferença social. [9-11]

Na América Latina, essa realidade se expressa
em sistemas que privilegiam poucos
enquanto condenam a maioria à precariedade.
A falta de acesso à terra, à habitação,
à saúde e ao trabalho digno
não são casualidades,
mas consequências de decisões injustas
e modelos de desenvolvimento que priorizam a rentabilidade
sobre a dignidade humana. [84-86]
Por isso, chama a uma conversão estrutural:
não basta apenas aliviar os efeitos da pobreza,
é necessário remover suas causas. [10]

A caridade, entendida como força social e política,
deve orientar-se a curar as raízes da injustiça. [91]
A Igreja, seguindo Medellín e Puebla,

reconhece que a pobreza não é uma condição natural,
mas fruto do pecado social
e de uma economia que “mata”. [92]
Por isso, a denúncia dessas estruturas
é parte essencial da proclamação do Evangelho. [89-90]

Fundamentação cultural e espiritual

Precisamos fazer uma mudança de mentalidade profunda
que transforme nossa cultura,
marcada pelo individualismo e pela competição. [11]
A “cultura da acumulação”
transformou o ter em sinônimo de felicidade
e legitimou a desigualdade como se fosse inevitável.
Nesse contexto, a mensagem da *Dilexi te*
resgata a dimensão espiritual da pobreza:
a felicidade não se compra, se compartilha. [10-12]

A indiferença social
— esse hábito de olhar para outro lado
diante do sofrimento alheio —
é apresentada como uma forma moderna de alienação. [93]
A fé cristã, por outro lado,
nos chama a uma espiritualidade da empatia,
a viver a sobriedade solidária
como resposta concreta ao amor de Deus. [94]

Somente um coração livre da idolatria do consumo
pode abrir-se ao encontro fraterno com os pobres
e construir uma cultura onde todos tenham lugar.

Perguntas para a reflexão

- Que novas formas de pobreza reconhecemos hoje em nossas comunidades e países?
- Como a "cultura do acúmulo" influencia nossas próprias decisões cotidianas?
- Como posso passar, em minha vida pessoal e comunitária, da caridade ocasional a um compromisso que transforme as causas estruturais da pobreza?
- Em quais gestos cotidianos posso tornar visível o Reino de Deus reconhecendo os pobres como irmãos e não como destinatários de ajuda?

[← Conteúdo](#)

Capítulo 2

Deus Escolhe os Pobres



“Não havia lugar para eles na hospedaria”.
(Lc 2,7)

A opção pelos pobres

Os pobres,
em sua condição de vulnerabilidade e exclusão,
constituem um **grito constante**
que atravessa a história
e que questiona a consciência de todos:
de cada pessoa,
das sociedades,
dos sistemas políticos e econômicos,
e muito especialmente da Igreja. [9]

Seu clamor não pode ser ignorado.
É um **chamado à conversão**
que nos convida a revisar estilos de vida,
estruturas e prioridades,
para que a fé se traduza em justiça.

O próprio Deus mostra
uma **opção preferencial pelos pobres**.
Esta "preferência" não exclui ninguém,
mas revela seu amor ativo
pelos mais fracos,
pelos descartados
e pelos que não têm voz. [16]
Neles se manifesta sua compaixão
e seu desejo de inaugurar
um Reino de justiça e fraternidade.

Por isso, o Evangelho nos pede
uma **opção firme, lúcida e radical**
no mesmo sentido:

fazer nossos os sentimentos de Cristo,
que se inclina diante de quem sofre
e devolve dignidade a quem foi esquecido. [16]

Nós, os discípulos de Jesus, somos chamados
a **não nos deixar adormecer** por ideologias
ou pelos julgamentos que justificam a indiferença.
Substituir o Evangelho por essas lógicas do mundo
é um risco grave
que esvazia a fé de sua verdade. [12-13]

A opção pelos pobres
não é um tema secundário
nem um acréscimo pastoral:
é o próprio **coração do seguimento de Jesus**
e a condição necessária para construir,
junto com Deus,
um Reino de justiça, fraternidade e solidariedade. [16]

Compromisso da Igreja

Desde suas origens,
a Igreja tem caminhado com os pobres
e cuidado deles.
Este cuidado não é uma tarefa opcional
nem uma obra assistencial,
mas parte essencial de sua missão
e de sua identidade mais profunda. [36]

O compromisso eclesial
se enraíza no próprio **agir de Deus**,
que se encarrega da condição humana
e, portanto, da sua pobreza.

Por amor, Cristo se reduziu,
nascendo em um presépio
e morrendo na cruz,
compartilhando a fragilidade de todos. [16]
Nesse rebaixamento,
o amor de Deus se torna visível
e nos ensina
que **não há redenção sem solidariedade.**
Por isso,
uma Igreja que esquece
ou marginaliza os pobres
rompe seu vínculo com Cristo
e trai sua própria essência. [36]
Não há neutralidades
nem justificativas
que diluam este mandato evangélico.

O Deus dos pobres

Na história da salvação,
Deus se revela
como **amigo e defensor dos pobres.**
Ele escuta seu clamor
e age em seu favor (cf. Sl 34,7). [17]
Através dos profetas,
denuncia a injustiça e exige um culto
que não se separe do compromisso com o oprimido.
Em seus lábios, ecoa o mandamento
que vincula a adoração a Deus
com a defesa da vida do irmão. [17]

Jesus leva essa revelação a sua plenitude:
faz-se pobre entre os pobres.

Em sua encarnação, “aniquilou-se a si mesmo, assumindo a condição de escravo” (Fl 2,7). [18-19]

Sua pobreza foi radical e concreta:
nasceu na marginalidade,
viveu como trabalhador sem-terra
e morreu como excluído.

Ele é o **Messias pobre e para os pobres**,
e sua identificação com eles
chega ao ponto de dizer:
“Todas as vezes que fizestes isso a um destes
meus irmãos mais pequeninos,
foi a mim mesmo que o fizestes” (Mt 25,40). [19]

Desde o início de seu ministério,
Jesus se apresenta
como portador de boas notícias para os pobres:
“O Espírito do Senhor está sobre mim,
porque me ungiu;
e enviou-me para anunciar
a Boa-Nova aos pobres” (Lc 4,18). [21, 26]

Os pobres: tesouro e rosto vivo da Igreja

Servir aos pobres não é um gesto paternalista
nem um ato de superioridade,
mas um **encontro entre iguais**,
um espaço sagrado
onde Cristo se revela e é adorado. [29]

Os santos de todos os tempos compreenderam isto:
que no rosto do pobre está o rosto do Senhor.
Ao longo dos séculos,
essa verdade tem fecundado a história cristã,

inspirando incontáveis obras de misericórdia,
comunidades, movimentos e missões
que continuam tornando presente o amor de Deus. [34]

Por isso os pobres são, nas palavras de santo Ambrósio,
os **verdadeiros tesouros da Igreja**:

"Que melhores tesouros teria Cristo
do que aqueles nos quais
Ele mesmo disse que estava?". [38]

Eles são o rosto vivo de Cristo pobre entre nós,
o lugar onde o Evangelho se faz carne
e onde a fé se verifica no amor concreto.

Perguntas para a reflexão

- O que significa para mim, na prática, crer em um Deus que se faz pobre e se identifica com os excluídos?
- De que maneira minha comunidade de fé pode passar de ajudar os pobres a caminhar com eles, reconhecendo-os como sujeitos da evangelização?
- Se a opção pelos pobres é o núcleo da missão cristã, que atitudes, estruturas ou hábitos pessoais preciso transformar para vivê-la com coerência?

Capítulo 3

Uma Igreja para os pobres



“De que adianta, meus irmãos,
alguém dizer que tem fé, se não tem obras?
Acaso a fé pode salvá-lo?
Se um irmão ou irmã estiver necessitando de roupas
e do alimento de cada dia
e um de vocês lhe disser:
‘Vá em paz, aqueça-se e alimente-se até satisfazer-se’,
sem porém lhe dar nada,
de que adianta isso?
Assim também a fé, por si só,
se não for acompanhada de obras, está morta”.
(Tg 2,14-17)

No início do cristianismo

Os apóstolos impuseram as mãos sobre sete homens escolhidos pela comunidade e os integraram em seu próprio ministério, instituindo-os para o serviço dos mais pobres (cf. At 6,15). O primeiro discípulo a dar testemunho de sua fé foi são Estêvão, que fazia parte desse grupo. Nele se unem o testemunho de vida na atenção aos necessitados e o martírio.

Padres da Igreja

Eles reconheceram no pobre um acesso privilegiado a Deus. Por exemplo, são João Crisóstomo diz que honrar a Cristo no templo com vasos de ouro enquanto se o abandona nu e faminto na pessoa do pobre é uma contradição grave. Afirmava que "não dar aos pobres é roubá-los, é defraudar-lhes a vida, porque o que possuímos lhes pertence". Algo similar indicava santo Agostinho: "O que você dá ao pobre não é seu, é dele. Porque você se apropriou do que foi dado para uso comum". [\[41 a 43\]](#)

Cuidar dos enfermos

Figuras como são João de Deus, são Camilo de Lélis

e santa Luísa de Marillac
encarnaram um cuidado que via no doente
o próprio Cristo sofredor.
Santa Luísa dizia às suas irmãs
que haviam “recebido uma bênção especial de Deus
para servir aos pobres enfermos”. [49-51]

Vida monástica

São Bento de Núrsia ordenava em sua *Regra*
mostrar um cuidado especial
pelos pobres e peregrinos,
“porque neles se recebe Cristo”.
São Basílio Magno construiu as Basilíades,
que eram um lugar com hospedagem,
hospitais e escolas para os necessitados,
porque “o amor concreto era critério de santidade”. [53-55]

Isso nos ensina que
a oração e a caridade,
o silêncio e o serviço,
as celas e os hospitais,
formam um único tecido espiritual.
O mosteiro é lugar de escuta e de ação,
de adoração e de partilha. [58]

Libertar os cativos

Desde os tempos apostólicos,
a Igreja tem visto na libertação dos oprimidos
um sinal do Reino de Deus.
Ou seja, a missão da Igreja,
quando é fiel ao seu Senhor,

é sempre proclamar a libertação.
Hoje há em nossos povos
da América Latina e do Caribe
“milhões de pessoas
— crianças, homens e mulheres de todas as idades —
privadas de sua liberdade
e obrigadas a viver
em condições semelhantes à escravidão”. [50]

As religiosas e os religiosos
que atuam nas periferias urbanas,
nas zonas de conflito
e nos corredores migratórios
continuam com essa herança.
Por isso, quando a Igreja se ajoelha
para romper as novas correntes
que aprisionam os pobres,
ela se torna um sinal da Páscoa.

Ordens como os trinitários (são João de Mata)
e mercedários (são Pedro Nolasco)
dedicaram-se heroicamente
a resgatar cristãos escravizados,
às vezes oferecendo suas próprias vidas em troca. [59-61]
Por isso, os agentes de pastoral carcerária ou penitenciária
prestam um serviço preferencial à Igreja,
porque a “liberdade não é apenas interior:
manifesta-se na história
como amor que cuida
e liberta de todas as ataduras”. [62]

Ordens mendicantes

São Francisco de Assis,
ícone da primavera espiritual,
sua vida foi um contínuo desapego,
e santa Clara de Assis
deu testemunho de sua luta espiritual,
que consistia em manter fielmente
o ideal da pobreza radical.
Rejeitou os privilégios que o Papa lhe dava
para que seu mosteiro pudesse subsistir
e vivia sem nenhum bem material.
São Domingos de Gusmão,
buscando uma pregação crível,
também escolheu a pobreza radical
para estar em fraternidade com os marginalizados
e em coerência com a mensagem. [63-67]

Educação dos pobres

São José de Calasanz
criou a primeira escola pública gratuita da Europa.
São João Batista de La Salle,
são Marcelino Champagnat
e são João Bosco,
entre muitos outros,
dedicaram suas vidas a educar
os filhos dos trabalhadores e os mais pobres, [68-71]
porque a educação dos pobres
não é um favor, mas um dever.
Os pequenos têm direito à sabedoria,
como exigência básica
para o reconhecimento da dignidade humana. [72]

Acompanhar os migrantes

São João Batista Scalabrini
e santa Francisca Xavier Cabrini
tornaram-se pioneiros
no atendimento pastoral e material aos migrantes,
vendo neles Cristo peregrino. [73-75]

Hoje “a Igreja, como mãe,
caminha com os que caminham.
Onde o mundo vê uma ameaça,
ela vê filhos;
onde se erguem muros,
ela constrói pontes.
Sabe que a proclamação do Evangelho
só é crível quando se traduz em gestos
de proximidade e acolhimento;
e que em cada migrante rejeitado,
é o próprio Cristo
quem bate às portas da comunidade”. [75]

Mulheres ao lado dos últimos

A vida consagrada feminina (as religiosas)
está cheia de testemunhos ao lado dos pobres. [71]
“Muitas Congregações femininas
também foram protagonistas
desta revolução pedagógica.
As ursulinas,
as freiras da Ordem da Companhia de Maria Nossa Senhora,
as Mestras Pias
e muitas outras fundadas nos séculos XVIII e XIX
ocuparam espaços onde o Estado estava ausente”. [71]
Destacam-se mulheres fundadoras:

santa Luísa de Marillac, [49-51]

figura chave do serviço aos enfermos e pobres
junto a São Vicente de Paulo.

Santa Clara de Assis – [63-67], testemunha da pobreza radical vivida em fraternidade.

Santa Francisca Xavier Cabrini, [73-75]

fundadora das Missionárias do Sagrado Coração de Jesus,
pioneira no atendimento pastoral e material aos migrantes,
especialmente mulheres e crianças.

Santa Teresa de Calcutá tornou-se um ícone universal
do serviço aos moribundos mais abandonados.

No Brasil, santa Dulce dos Pobres,
“o anjo bom da Bahia”,
começou acolhendo doentes em um galinheiro
e fundou uma das maiores obras sociais do país.

O papa Francisco destacou que essas santas
“nos mostram que a vida consagrada
é um caminho de amor nas periferias existenciais do mundo”.
Junto a elas, desde o Saara,
São Carlos de Foucauld
viveu uma vida de presença oculta
e amizade entre os mais pobres. [76-79]

Movimentos populares

Leigos e leigos
e líderes populares,
muitas vezes sob suspeita ou até perseguidos,
têm lutado contra as causas estruturais da pobreza.
“Os líderes populares, então,
são aqueles que têm a capacidade de incorporar todos.
Não sentem nojo nem medo

dos jovens feridos e crucificados”.

São “a teia de uma comunidade de todos e para todos”

e sua solidariedade “é uma forma de fazer história”, convidando a Igreja a caminhar com eles e a incorporar sua força moral.

O próprio papa Francisco lembra que os movimentos populares nos convidam a superar “essa ideia das políticas sociais concebidas como uma política *para* os pobres mas nunca *com* os pobres, nunca *dos* pobres e muito menos inserida em um projeto que reunifique os povos”. [80-81]

Perguntas para a reflexão

- Que lugar ocupam os doentes, migrantes e marginalizados em nossa ação pastoral? Eles são receptores da nossa ajuda ou protagonistas do seu próprio processo?
- Como podemos recuperar uma espiritualidade do cuidado e da proximidade, em vez do mero assistencialismo?
- Que exemplos atuais de santidade popular ou compromisso social reconhecemos em nossa realidade local?

Capítulo 4

Uma história que continua



“Quem se encontra em situação de necessidade extrema
tem o direito de tomar da riqueza alheia
o necessário para si.

[...] A própria propriedade privada tem também,
por sua própria natureza, uma índole social,
cujo fundamento reside no destino comum dos bens”.

(*Gaudium et spes*, 69. 71)

Desde a *Rerum novarum* (1891) de Leão XIII até o *Documento de Aparecida* (2007), o ensino social da Igreja tem aprofundado uma opção cada vez mais explícita pelos pobres.

João XXIII, em sua mensagem de rádio de 1962, definiu-a com palavras que não envelhecem: “A Igreja apresenta-se como é e como quer ser: Igreja de todos e, em particular, Igreja dos pobres”.

O Concílio Vaticano II reafirmou essa identidade ao proclamar o destino universal dos bens e a função social da propriedade. [84-86]

Paulo VI ensinou que “o pobre é representante de Cristo” e, em *Populorum progressio*, lembrou que ninguém tem o direito de reservar para si o que os outros necessitam. [85-86]

João Paulo II consolidou que a opção pelos pobres é uma “forma especial de primazia no exercício da caridade cristã” e destacou o trabalho humano como chave de toda a questão social. [87]

Bento XVI advertiu que a fome nasce menos da escassez do que da insuficiência de estruturas solidárias, e chamou para construir instituições a serviço do bem comum. [88]

Francisco denunciou com vigor
a ditadura de uma economia que mata
e a alienação social
que normaliza o egoísmo e a indiferença. [92]

O episcopado latino-americano
também se sentiu fortemente identificado
com a Igreja dos pobres
e suas conferências gerais
de Medellín, Puebla, Santo Domingo e Aparecida,
que constituem marcos eclesiais de discernimento.

O martírio de São Óscar Arnulfo Romero,
arcebispo de San Salvador,
“foi ao mesmo tempo um testemunho
e uma exortação viva para a Igreja.
Ele sentiu como seu
o drama da grande maioria de seus fiéis
e os fez o centro de sua opção pastoral”. [89]

As estruturas que ferem

De Medellín e Puebla até Aparecida,
a Igreja discerniu que
a pobreza não é um fato natural,
mas o fruto de estruturas de pecado
que sustentam a desigualdade,
exploram o trabalho
e degradam a dignidade humana. [90-94]

Por isso, a conversão pessoal não é suficiente:
é necessária **uma conversão social e estrutural**,

capaz de curar os sistemas
que perpetuam a exclusão. [94-97]

O Evangelho exige
uma caridade que não se contente em socorrer,
mas que **transforme**;
uma caridade que atue
como **força histórica e política**,
orientada à justiça
e à participação. [91]

Romper o círculo do privilégio
é tarefa de todos os discípulos e discípulas do Reino.

Os pobres como sujeitos

Leão XIV retoma a voz profética
da tradição latino-americana
e proclama que **os pobres não são objeto de assistência,**
mas sujeitos ativos de fé,
sabedoria e transformação. [99-102]

Neles resplandece uma teologia vívida:
sua esperança,
sua solidariedade cotidiana,
sua resistência diante da dor.

A Igreja é chamada
não apenas a falar **pelos** pobres,
mas a falar **com** eles,
reconhecendo em sua experiência
uma palavra de Deus para o nosso tempo.

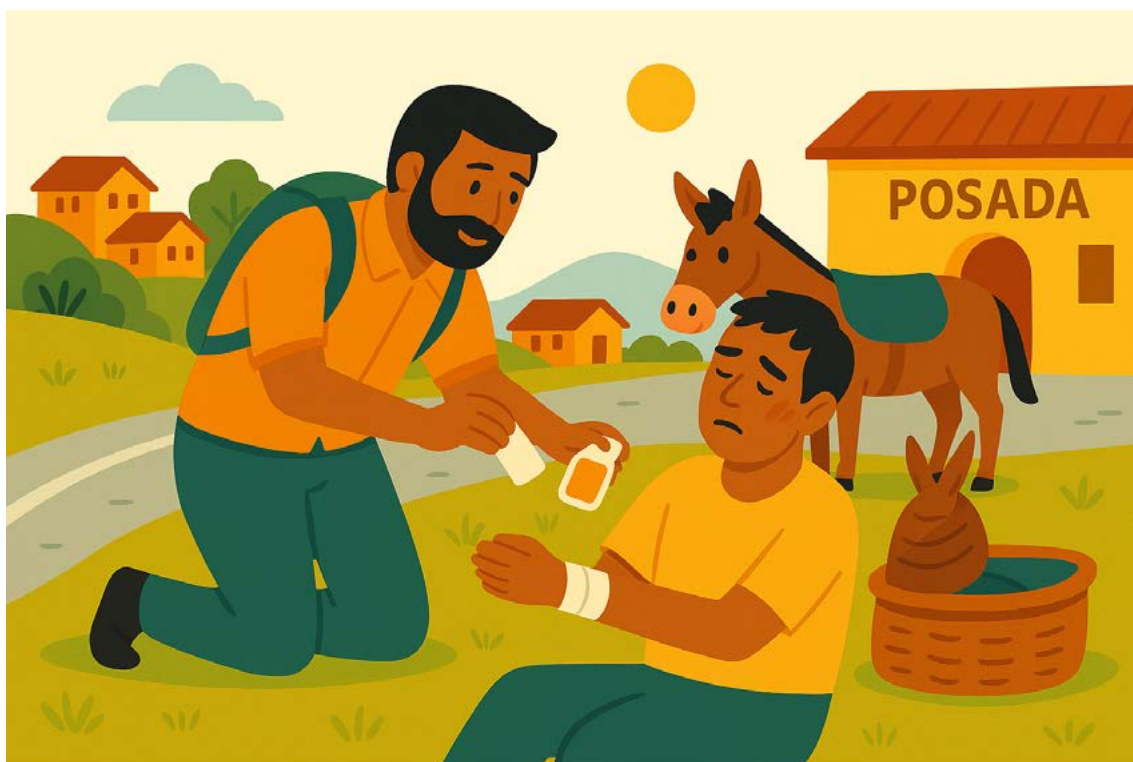
Ali, onde os pobres evangelizam à Igreja,
o Reino se torna visível
e a justiça se transforma
em caminho compartilhado. [\[101-102\]](#)

Perguntas para a reflexão

- Quais aspectos da doutrina social continuam sendo desafiadores para as sociedades latino-americanas?
- O que implica compreender a pobreza como um princípio teológico e não apenas como um problema social?
- O que podemos aprender de figuras como Santo Óscar Romero sobre uma fé que se torna justiça?

Capítulo 5

Um permanente desafio



“Mas um samaritano que viajava,
chegando àquele lugar, viu-o
e moveu-se de compaixão.
Aproximando-se, atou-lhe as feridas,
deitando nelas azeite e vinho;
colocou-o sobre a sua própria montaria
e levou-o a uma hospedaria e tratou dele”.
(Lc 10,33-34)

A indiferença, o descarte e o abandono
são sintomas de uma sociedade doente,
porque esta busca construir-se de costas para a dor,
pretendendo ignorá-la. [107]

Diante da pessoa ferida
e abandonada no caminho,
as atitudes daqueles que passam são diferentes.
Jesus nos convida
a nos identificarmos com o bom samaritano,
que não apenas vê o sofrimento,
mas comove-se,
aproxima-se,
venda as feridas,
cuida
e assume a responsabilidade pelo necessitado.
Acostumamo-nos a olhar para o outro lado,
mas o Senhor nos indaga:
“Com quem você se identifica?”. [105, 115]

O mandamento final
da parábola do Bom Samaritano
diz: “Vai, e faz tu o mesmo” (Lc 10,37).
Esta afirmação de Jesus não é uma sugestão,
mas um mandamento
que toda pessoa cristã
deve ouvir ressoar todos os dias em seu coração
como um exame de consciência permanente. [107]

Para onde vai a Igreja de hoje?

A Igreja é chamada
a ser uma Igreja pobre e para os pobres,
onde a misericórdia não pode esperar.
Somos chamados a dar,
a tocar a carne sofredora de Cristo nos pobres,
construindo uma comunidade que sabe amar
e acompanhar os mais frágeis
com compaixão ativa.

Em alguns setores ou grupos cristãos
percebe-se uma ausência de compromisso
com o bem comum da sociedade
e, em particular, com a defesa e a promoção
dos mais vulneráveis e desfavorecidos.
A esse respeito, é necessário lembrar que a religião,
especialmente a cristã,
não pode se limitar ao âmbito privado,
como se os fiéis não precisassem também se preocupar
com os problemas relativos à sociedade civil
e com os acontecimentos
que afetam os cidadãos. [112]

“Uma Igreja que não põe limites ao amor,
que não conhece inimigos a combater,
mas apenas homens e mulheres para amar,
é a Igreja que o mundo precisa hoje”.

Esta é a bússola
que deve guiar o nosso caminho. [120]

E seja o que for que façamos
ou nos comprometamos séria e profundamente
para mudar as estruturas sociais injustas,
se não tivermos gestos simples de ajuda,
muito próximos e pessoais,
não será possível que o pobre
sinta que as palavras de Jesus são para ele:
“Eu te ameí” (Ap 3,9). **[121]**

Preguntas para la reflexión

- Quais feridas concretas do mundo de hoje precisam ser curadas por nossas comunidades?
- Como evitar que a fé se reduza a palavras sem ações?
- Quais gestos simples podem fazer com que os pobres ao nosso redor sintam que as palavras de Jesus — “Eu te ameí” — também são para eles?

Anexo 1

Glossário de conceitos-chave

Alienação social

É um fenômeno que nos leva a ignorar os necessitados e a viver como se eles não existissem. [92, 93]

Caridade (e obras de misericórdia)

Não se trata meramente de uma virtude moral ou filantropia, mas da expressão concreta da fé no Verbo encarnado. [24-28, 39]

Cativos (Libertação de)

Uma missão específica da Igreja ao longo da história, inspirada em Jesus que veio “anunciar a libertação dos cativos” (Lc 4,18) [59-61]

Doutrina Social da Igreja (DSI)

O conjunto de ensinamentos sociais da Igreja, desenvolvido desde a *Rerum novarum* (1891), que aplica o Evangelho à vida em sociedade. [82-89]

Esmola

Gesto concreto e necessário de encontro. Não isenta da luta pela justiça, mas convida a parar, olhar o pobre nos olhos e compartilhar algo do que se tem. [115-119]

Estruturas de pecado / Estruturas injustas

Mecanismos sociais, econômicos e políticos que, pelo seu funcionamento, perpetuam a pobreza, a exclusão e a desigualdade. Não são fruto do acaso, mas de decisões humanas que configuram sistemas que pecam contra a justiça e a dignidade humana. A Conferência de Puebla qualificou-as como um “pecado social”. [90, 92]

Exclusão

Condição que define biblicamente os pobres. O próprio Jesus viveu a exclusão, desde o presépio até a cruz. A Igreja é chamada a combater toda forma de exclusão. [19]

Grito dos pobres

Palavra-chave que evoca o clamor do povo oprimido no Egito, que Deus ouve (Ex 3,7). Esse grito questiona constantemente a humanidade, os sistemas e, de modo especial, a Igreja. Ouvi-lo é identificar-se com o coração de Deus; ignorá-lo é afastar-se Dele. [\[8-9\]](#)

Indiferença

Atitude de passar despercebido diante do sofrimento alheio, como o sacerdote e o levita na parábola do Bom Samaritano. [\[107, 115\]](#)

Movimentos populares

Agrupamentos de leigos e líderes populares que lutam contra as causas estruturais da pobreza e da injustiça. [\[80-81\]](#)

Mudança de mentalidade

Transformação cultural profunda que se requer para romper o ciclo da pobreza. [\[10-11\]](#)

Opção preferencial pelos pobres

Expressa a prioridade que Deus dá aos mais fracos e oprimidos, uma preferência que não é exclusivista nem discriminatória, mas que nasce de sua misericórdia. [\[16, 87, 99\]](#)

Pobres (como sujeitos)

Os pobres não são apenas objetos de assistência, mas sujeitos ativos da sua própria história, da evangelização e da promoção humana. [\[99-102\]](#)

Pobreza evangélica

A pobreza voluntária e radical abraçada por Jesus e por santos como Francisco de Assis. Não é miséria, mas um caminho de liberdade e desapego que permite confiar plenamente em Deus e demonstrar profunda solidariedade com os pobres. [\[63-67\]](#)

Tesouros da Igreja

De acordo com Santo Ambrósio, os verdadeiros tesouros da Igreja são os pobres, porque neles está presente Cristo. Essa expressão ressalta o valor incalculável que os pobres têm para a comunidade de fiéis. [\[38\]](#)

Anexo 2

Para a reflexão pessoal

De acordo com a exortação apostólica *Dilexi te*, identifique e anote sete conceitos-chave que você compreendeu da leitura e que, na sua opinião, são importantes.



Anexo 3

Para trabalho em grupo

De acordo com a exortação apostólica *Dilexi te*, peça ao grupo que identifique cada desenho, coloque em ordem a sequência e escreva um roteiro para cada cena (o que os personagens dizem ou pensam).



